

Emergir

Em meio a beijos desesperados, suspiramos.
seu beijo retirou-me do fundo do mar.
retirou o fundo do mar que havia em mim.
tanta água e eu a afogar. as vezes, conseguia
vir à superfície. ali, boiava mirando o infinito
e distante céu. mas logo, afundava-me.

len
 ta
 men
 te,
 afundava.

por longos dias, esse mesmo estado e então:
você. com seu beijo forte, emergi de meu
afogamento.

suspirei, suspiramos



Luiza Vitorio, brasileira capixaba atriz formada na escola de teatro dança e música FAFI , participou de diversos espetáculos e grupos capixabas entre eles Grupo Vira latas de teatro, Cia Makuamba, e atualmente Repertório Artes Cênicas. Trabalha com arte educação (recreação infantil e cuidadora de criança) e, ultimamente, tem se arriscado a expor o que escrevo.



Luiza vitório



Genocídio Negro 2

Eu não dormi;
passei a noite entre pesadelos e medos.
Deitei em prantos e ainda agora choro
É que nestes dias foram tantos mortos
É que nestes anos foram tantos os corpos que
[tombaram em favelas e subúrbios
E eu tenho medo que em alguma quebrada lá
em baixo, aqui em cima ou qualquer esquina me
confundam com a cor do ódio deles;
Com a certeza da imunidade dada
EU TENHO MEDO DE QUEM USA FARDA.
E não me venha afirmar que quem não deve não
teme porque é pros PRETOS que o bambu geme
Eu tremo quando vejo a polícia passar
é que a bala destes são como teleguiados
o sangue negro é que é jorrado
A bala perdida, achada, ou direcionada sempre
perfura a vida de quem mora na quebrada.
Não importa a idade estado civil, cidade e religião
Não interessa a sua localização Fonte Grande
Timbau ou no Grande Sertão
se é Preto pobre o extermínio chega antes de
nove e dez anos
Eu chorei e choro de dor
Pode alguém estabelecer o valor por causa da
[minha cor
Pode alguém me afirmar culpada sem o direito
[de ser julgada?

Passei a noite com cheiro de sangue e pólvora
[queimada.

E ser Preto neste mundo se tornou uma ameaça
Não tem mães, pais, família, filhos não tem nada
querem nos rotular escravizar e calar o nossos
Chorei e choro em prantos com a dor dos mortos
de ontem; antes de ontem e anos atrás

É que aqui neste mundo o Preto não está seguro
na favela no parque no shopping ou terminais o
[corpo negro é o que mais cai.

Cai de bala perdida direcionada e por engano ontem
[hoje e há mil anos

Chorei e choro e falo sem receio estão matando aos
milhões os meus irmãos negros de bala descaso e fome
É com lágrimas que eu almejo

QUERO O FIM DO GENOCÍDIO NEGRO.

Referência

Meu nome é

Sou mulher, negra, adulta, solteira, sem filhos
nasci em Vitória ES Brasil
cresci e vivi em uma favela
calço 38, visto 46, altura mediana, pernas grossas,
[seios fartos

sorriso branco

cabelos naturalmente cacheados

Meu nome é

sou mulher, negra, capixaba, favelada, brasileira
e

não,

eu não sei sambar

também não sei fazer o quadradinho de oito
não uso salto, brinco ou colar

Meu nome é

sou mulher, negra, capixaba, favelada, solteira,
[virginiana, brasileira

sorriso branco

e eu?

Eu não sou obrigada a nada.

A pequena vendedora de balas

Sozinha sentada no banco frente aos balanços do parquinho no Parque Moscoso a menina observava. Quietamente com sua caixa de balas.

A tarde lançava seu tempo sinuoso aos olhos da menina magricela e maltrapilha; direcionava um olhar opaco aos risos e brincadeiras das crianças sortudas nos balanços, cavalinhos, escorrega com seus pais atentos sorridentes a chamar, brincar e tirar fotos dos seus queridos.

Sentada mal alcançava os pés na areia com chinelos de cor e tamanhos diferentes. Vez ou outra uma criança lhe pedia bala e trazia um responsável para comprar-lhe.

Todas aquelas pessoas estavam alheias à sua responsabilidade de pequena vendedora.

Era sempre assim todos os dias de trabalho, pegava suas balas descia o morro e ia Rua Sete, Costa Pereira, Praça Oito, Vila Rubim e Parque Moscoso, às vezes sentava-se na grama para ver os casais de namorados, ou pulava de um banco a outro até chegar à Concha acústica, e do palco repetia o seu nome diversas vezes, mas gostava mesmo era de sentar exatamente naquele banco e ver crianças quase como ela a brincar, chorar, rir, fazer pirraça muitas delas tão bonitas quanto as das capas de revistas nas bancas que via pelos lugares por onde passava.

Pais e filhos comendo pipoca, sorvete, churros, algodão doce brincando com bonecas, carinhos, balões bicicletas. Tinha certa diversão, sentia alguma satisfação naquilo tudo que era um pouco seu e não se sentia tão diferente quanto das crianças que iam-se para suas casas desgrenhadas e sujinhas. A pequena conhecia algumas famílias assíduas como ela ao parque, sabia alguns nomes, idades, quem era o pai e a mãe, quem era irmão de quem (embora quase ninguém percebesse de fato a sua

existência).

Poderia dizer com exatidão qual criança era mimada, quem tinha muito dinheiro, quem sempre chorava, quem era amigo de quem.

Crianças chegavam e iam sempre, a chegada era agitada e a saída quase sempre exaustiva e em lágrimas. Vez ou outra sentavam ao seu lado, mas logo saíam e iam sentar-se longe, ela não fedia como os bêbados e mendigos, mas decerto sua aparência era parecida com a deles, sempre as mesmas roupas rotas que quase não lhe cabiam.

Em outros momentos alguém comprava balas e lhe dava algum centavo a mais por pena ou não, isso não importava, existia até pessoas que lhe sorriam, uma criança ou outra que convidava para brincar, umas eram repreendidas outras nem tanto mas ela não podia, nunca ia, não poderia deixar sua caixa, não deveria.

Aquele momento era o intervalo do seu trabalho cotidiano.

Ali no parque ela se sentia em casa, em cada canto daquele lugar ela se transportava para uma vida diferente da sua, na grama ao ver os casais a pequena se via além daquela caixa; se via grande e feliz de mãos dadas, na concha acústica via-se como os artistas que vez ou outra ela tinha a sorte de ver em suas apresentações de teatro, dança ou música.

No parquinho ela era ela mesma só que sem a caixa nas mãos com a mãe e o irmão brincando até cansar, suja de tanto se divertir. E cada vez que ela chegava ao parque Moscoso ela desejava ter uma outra vida

Aquilo tudo poderia ser diferente.

A tarde chegava ao seu fim sua caixa de balas estava quase vazia.

A pequena teria que voltar e terminar o seu trabalho.

The background features a repeating geometric pattern of triangles and hexagons in shades of brown, orange, and yellow. Overlaid on this is a large, light green rectangular frame containing stylized, cut-out-like illustrations. In the top left, a green sun-like flower with a yellow center is shown. In the top right, a yellow eye with a black pupil is depicted. In the center, the name 'mariana dionizio' is written in a dark blue, lowercase, sans-serif font, set against a light orange, cloud-like background. Below the name, a large yellow eye with a black pupil is surrounded by yellow, petal-like shapes. At the bottom, two hands are shown in a stylized, cut-out manner. Small colored dots (pink, blue, yellow, orange) are scattered throughout the composition.

mariana dionizio



Nascida em Vila Velha, criada em Serra, descoberta em Cariacica, e hoje moro em Vitória, por enquanto.

Isaura da Conceição Dionizio

No dia dez de janeiro de dois mil e três, vovó resolveu ficar encantada, com isso, nós que aqui ficamos, nos desencantamos por quase dez anos após sua partida.

Dona Esaura (era assim que pronunciava o próprio nome) era uma griot, passou boa parte da vida a nos contar histórias, quem esteve atento, aprendeu, quem não, perdeu uma boa parte de nossas vidas. Uma das que mais me lembro e gosto, era quando contava a história de sua avó, uma índia que foi trocada por um burro, porque seu avô, um português, se apaixonou por ela. Claro que a história não foi assim, claro que hoje é insuportável pensar que uma pessoa foi trocada por uma animal.

Também tinha as dos lobisomens, nas noites de lua cheia que faltava luz, a agilidade que ela e o meu avô tinham para proteger os filhos dessas figuras folclóricas, era surreal, era difícil dormir depois, até hoje, quando me deparo em um lugar escuro, respiro fundo lembrando de suas histórias. A valentia de nossa bisavó, Yayá, como era brava. Que tio Camilo era um boêmio. Do olho grande de titia para comida, e ela detestava gente mal educada (ela não assumia seus defeitos, por isso só estou contando as coisas boas), de como a família dela, Dionizio, era grande e do quanto viviam bem, morando no interior do interior do nosso estado, mesmo sem energia elétrica.

Observo hoje que muitas coisas não foram contadas, outras esquecidas. Era quase uma curandeira com seus chás, ervas e unguentos, tá aí, já sei de onde saiu meu gosto pelo natural. Não nos preparou para a vida, só para a utopia, e contrariando seus ensinamentos, só nos cobrava a realidade.

Carolina

Aquele dia, que o destino não é só dramaturgo, mas também o seu próprio contrarregra, afinal, escolhe o momento dos personagens estarem em cena.

Após a amargura de presenciar e apartar a briga entre duas mulheres moradoras de rua, impossível não lembrar de Carolina Maria de Jesus.

Talvez minha condição em apartar, tenha vindo de Carolina.

Para Carolina, em seu Quarto de Despejo.

Tão humana.

Tão parecida com a minha avó.

Tão minha mãe.

Tão minhas tias.

Tão eu.

Tão distante de mim.

Tão observadora.

Tão politizada.

Tão mulher.

Tão preta e orgulhosa por isso.

Tão obrigatoriamente sã.

Tão marginalizada por mim e, ou por você.

Tão dona de sua história.

Tão subsistente.

Tão faminta.
Tão formosa.
Tão inteligente.

Por quem você foi, por quem você não é para o seu país, para quem você é, e para quem você será.

“ - Muito bem, Carolina!”



mileide
santos



Aos 9 dias de novembro de 1987 nasce mais uma poesia. Não me lembro bem (óbvio) o que, além de meu nascimento, aconteceu de especial nesse dia. O que criei e faço questão de não esquecer, é que desde essa data, a poesia se faz presente em minh'alma. No momento em que vi a luz fora do ventre, posso apostar que senti o poder da palavra, sobretudo, da poética. Interessante que mesmo tendo essa ligação intensa tive também uma grande dificuldade em aprender a falar, pois até os seis anos a minha fala era dislexa...Bom, o tempo passou e eu me apaixonei ainda mais pelo VERBO; tornei-me professora, curiosamente de Língua Portuguesa. Hoje, sei bem quem sou: sou mulher, negra, feliz, apaixonada pelo que faço e por quem faço, sou poesia, sou poesia...

Resistência

A voz emudecida à força, não se calou!
O corpo marcado à brasa, não se queimou!
O cabelo passado a ferro, não se alisou!

O corpo chicoteado não se curvou.
A voz entrecortada não se cortou
O cabelo amarrado não se prendeu

As mãos acorrentadas fabricaram:

Mungunzá

Vatapá

Caruru

Feijoada

Cocada...

As mentes desamarradas armaram-se:

Ervas: envenenamentos

Revoltas: Quilombos

Intercâmbio entre santo e Orixá: Candomblé

Magia de preto camuflada em religião branca

E o corpo negro gingou na dança-luta: capoeira

O cabelo crespo armou-se em resistência: coroa
[natural]

A voz grave entoou: cantigas de roda, samba
[de roda, narrativa griô.]

E a cor segredada miscigenou

A flor violentada não deu à luz

E toda uma cultura persistiu

Mãe África resistiu

Morte adiada com inteligência

Vida perpetuada com resistência.

Vozes afro da pele

Dança-afro:

O nó

O laço

O traço

A força sutil

Inspira beleza

Forja leveza

Desenha um balé

A trança dos corpos

A trama das almas

Simbiose com Orixás

Divindades a exaltar:

Vento, Água, Fogo, Terra, Ar...

Calundu dos corpos

Cafuné nas almas.

Arrepia o pelo

Afaga a carne

Aflora a poesia afro da pele

à flor da pele...

Movimentos ancestrais

Palavra “não-registrada”

Oralidade em pauta

Voos sem asas

Vozes outrora ignoradas

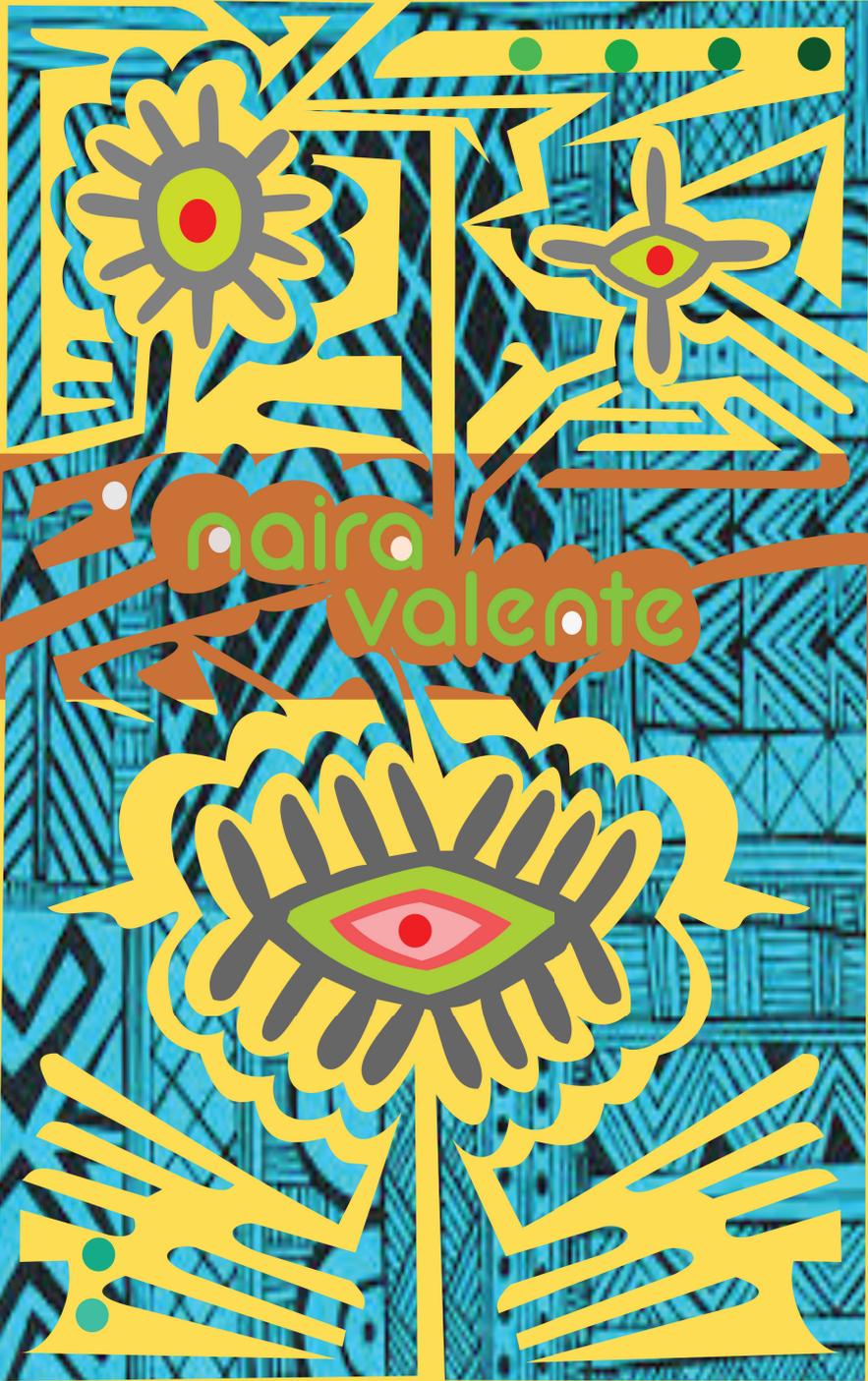
Histórias sem vez

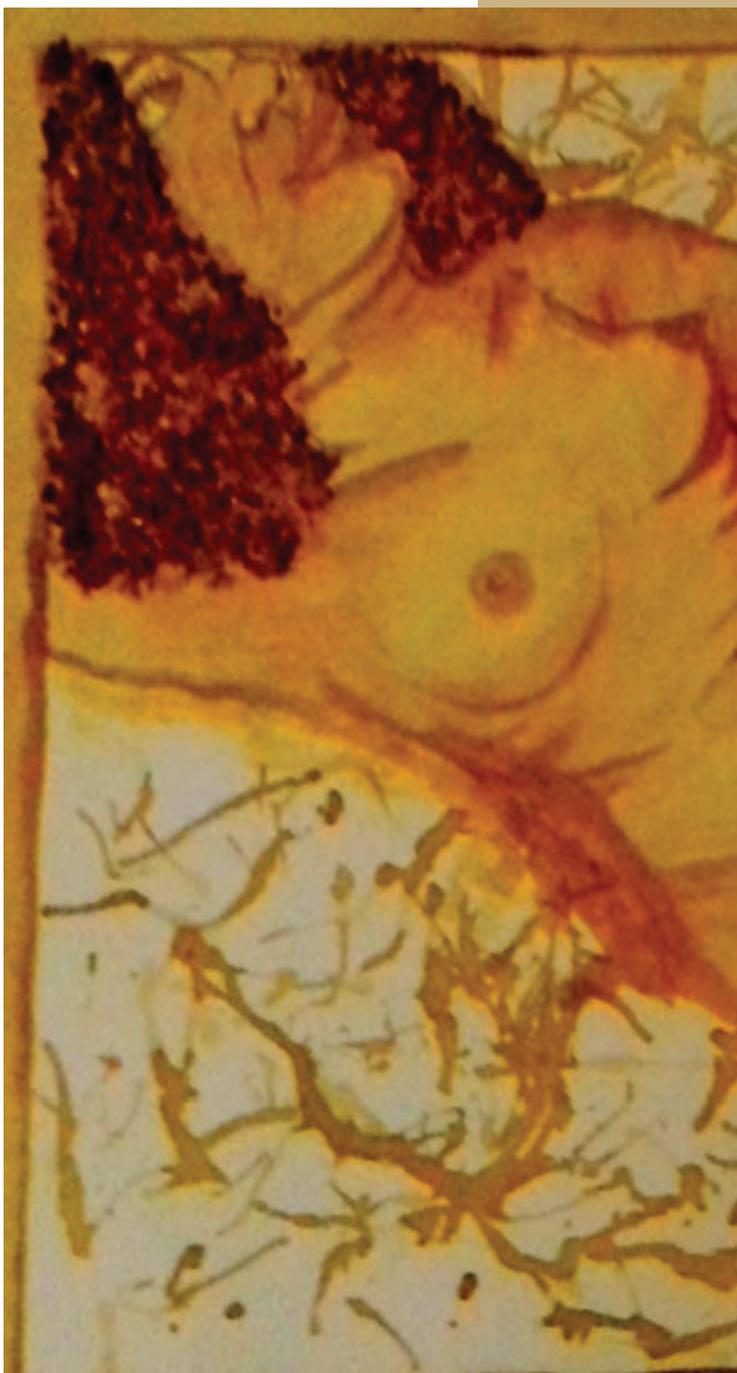
Verso sem papel...

E o corpo se torna a tela:
Onde se desenha a ação
Se pinta o texto
Se escreve o desenho
Se ouve o gesto
Se movimenta a memória
Se vê a palavra
Se tece a poesia...
E todos os ancestrais param para abençoar-
-ouvir-ver-sentir,
“E o verbo se fez dança e habitou entre nós”



Eu, Naira Valente sou artista intermídia, utilizo diversos suportes para integrar minha arte ao cotidiano, de modo que seja impactante nas vivências alheias. Por meio da poesia, trabalho com a criação de Fanzines, além de, através da expressão corporal, dou vida às palavras pelos saraus do nosso Brasil, vez ou outra também encantando musicalmente, através do Rap. Atualmente estudante de Artes Visuais pela UFES, procura dar forma à minha visão de mundo, se jogando nas cores pelos muros nossos de cada dia, procurando estudar também as relações interpessoais conversando com o universo artístico.





elas com café \ 2017 \ têmpera de café sobre papel





além \ 2017 \ talens sobre papel